O MEDO NOS DISCURSOS MIDIÁTICOS: A ABORDAGEM DA VEJA NAS MANIFESTAÇÕES DE 2013

THE FEAR IN MEDIA DISCOURSES: THE APPROACH OF VEJA IN THE MANIFESTATIONS OF 2013

Fernando Simões Antunes Junior[1]
Fernanda Locatelli[2]

Resumo: O presente artigo pretende averiguar indícios de como o jornalismo busca criar condições de emocionalidade, a partir do uso de operadores retóricos, para induzir à emoção do medo. Para esta breve análise, são utilizadas algumas bases teóricas compartilhadas entre a psicologia cognitiva, o

1. Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Comunicação Social e graduado em jornalismo pela mesma Instituição. Professor na Faculdade São Francisco de Assis (Unifin). Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Emoção e Conflito (GPCEC/CNPq - PUCRS). E-mail: feuantunes@gmail.com

2. Mestranda em Ciências da Comunicação – linha Midiatização e Processos Sociais – pela Unisinos e graduada em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas pela UFRGS. Membro dos Grupos de Pesquisa Midiatização e Processos Sociais e Epistemologia, midiatização e processos sociais (EPISTECOM), ambos da Unisinos. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Emoção e Conflito (GPCEC) da PUCRS. E-mail: fefalocatelli@gmail.com.

pensamento sistêmico e a neurolinguística, de forma a promover um estudo interdisciplinar entre as ciências da mente, do corpo e da comunicação.

Palavras-chave: Retórica. Emoções. Medo.

Abstract: The present paper intends to find indications of how journalism seeks to create conditions of emotionality, from the use of rhetorical operators, to induce the emotion of fear. For this brief analysis, some theoretical bases shared between cognitive psychology, systemic thinking and neurolinguistics are used, in order to promote an interdisciplinary study between the sciences of mind, body and communication.

Keywords: Rhetoric. Emotions. Fear.

1 Introdução

O trabalho faz parte de uma investigação em andamento e que tem como objetivo levantar indícios sobre padrões emocionais incentivados por discursos midiáticos. Uma hipótese inicial seria a de que esse incentivo se dá através de operadores retóricos, empregados com intuito de induzir os atores sociais a determinadas emoções como medo, raiva e tristeza. Para esta breve análise, são utilizadas algumas bases teóricas compartilhadas entre a psicologia cognitiva, o pensamento sistêmico e a neurolinguística.

Para observar a emergência da emoção do medo, é inevitável o olhar para a dimensão da violência que se apresenta nos dispositivos midiáticos (Ferreira, 2006). Isto porquê o medo, enquanto emoção, possui uma função sistêmica nos organismos dotados de tal recurso. É eliciado diante do perigo e da violência, seja ela vivida, ou seja, uma violência real sofrida pelo indivíduo, ou mesmo diante de uma situação imaginada, lembrada ou retratada. (Damásio, 2000).

Se a emoção de medo serve como alerta e é acionada diante da violência, poderíamos inferir que, quando a retórica midiática remete às mesmas ameaças de violência, ela está provocando estados com potencial para gerar comportamentos de fuga, agressão, paralisia e isolamento (Damásio, 2011). Aqui, a retórica é apresentada como impacto da forma sobre

o conteúdo da mensagem, uma subárea da Pragmática, teoria de significado dependente de contexto. Um recurso inerente aos atos de fala que recorre às emoções e não à razão para construir significados (Costa, 2013).

Dessa forma, partindo da retórica como estratégia de acionamento emocional, apresenta-se a proposição de Damásio (2011), que afirma que não há processamento racional sem antes ocorrer um processamento emocional, ou seja, a ação/comportamento racional é dependente das emoções. Tal proposição encontra respaldo em Maturana (2009) que defende que, quando há uma mudança de emoção, há uma mudança de domínio da ação.

Dessa forma, o foco de análise recai sobre a esfera do meio enquanto oferta de sentidos através de estratégias enunciativas nele presentes. Lançando olhar sobre a constituição dos construtos simbólicos midiáticos, partimos do prisma de que é a retórica, advinda das intencionalidades da produção da mensagem, que dimensiona os fatos.

Como o medo é a emoção a ser detectada na análise, cabe avaliarmos, no discurso midiático, os atos de fala e os operadores retóricos que acionam este campo emocional. Palavras cujos campos semânticos sejam ameaçadores, violentos ou perigosos para o senso comum constituem um amplo repertório para a retórica do medo. Por isso, o recorte de análise focará em abordagens da Revista Veja sobre as manifestações lideradas pelo Movimento Passe Livre, ocorridas em junho de 2013, e que levaram milhares de pessoas às ruas para protestar contra o aumento das passagens de ônibus.

Sob este prisma, infere-se que induzir emoções através de estratégias retóricas possibilita a emergência de uma matriz regulatória que opera sobre a mente (o que pensar), o corpo (como agir) e a linguagem (o que comunicar) dos indivíduos.

2 A retórica do medo no discurso jornalístico

Um levantamento realizado em 1997 e apresentado por Margaret Matlin no livro Psicologia Cognitiva (Cognition)

sugere que 60% dos programas de televisão dos Estados Unidos eram voltados a retratar prioritariamente a violência. No Brasil, uma pesquisa realizada em 1999 pela psicóloga Nancy Cardia, a pedido do Ministério da Justiça e da Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, demonstrou que 42% dos entrevistados percebiam o noticiário como o programa mais violento e os jovens entre 16 e 24 citam os filmes em segundo lugar. 43% dos entrevistados disseram apreciar muito os conteúdos violentos com os quais tinham contato. A pesquisa tinha como foco a televisão e, na época, constatou que o seu uso era intensivo[3].

A pesquisa acima é citada no material da Unicef intitulado Violência na Mídia, onde um segundo estudo também ganha espaço. Trata-se do Balas Perdidas – Um Olhar sobre o Comportamento da Imprensa Brasileira Quando a Criança e o Adolescente Estão na Pauta da Violência, publicada pela ANDI, Ministério da Justiça e Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente (AMENCAR) em 2001. O levantamento mostrou que 80% das matérias pesquisadas focalizaram o ato criminoso sem aprofundamentos, seguindo um estilo de texto muito semelhante ao do boletim de ocorrência. Fato que evidencia uma estratégia retórica que distancia o leitor dos envolvidos, dificultando o estabelecimento de laços de empatia[4] e a criação de um "rosto empático[5]" (Antunes Junior, 2016), o que poderia acarretar em ações mais assertivas para a mudança de quadros sociais de violência. A pergunta que emerge, então, dos indícios desta predileção por construtos simbólicos que retratam o lado mais negativo da sociedade é: qual a intenção por trás disto?

3. Disponível em http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_04.pdf. Acesso em 10/09/2016.

4. Visto aqui como capacidade de se colocar no lugar de outra pessoa, vivenciando seus sentimentos e perspectivas e tomando ações diante delas (Krznaric, 2014).

5. Rosto empático se refere a um rosto matriz criado pelo cérebro a partir dos elementos ofertados pelos códigos. Não se trata de um rosto em si, como materialidade, mas de uma base referencial que possibilita o acionamento emocional e empático, através da identificação do receptor com o algo/alguém representado.

Na busca por possíveis respostas, a análise aqui presente passa pela discussão inevitável em relação aos efeitos da informação violenta no espectador. Uma resposta intuitiva, de senso comum, é que a emoção natural a aflorar de uma violência, seja ela física, psíquica ou moral, é o medo. E o medo, enquanto emoção, possui uma função sistêmica nos organismos dotados de tal recurso, que, segundo Damásio, ocorre em duas circunstâncias.

> Primeiro, quando um organismo processa determinados objetos ou situações por meio de um de seus mecanismos sensoriais – por exemplo, quando tem a visão de um rosto ou lugar conhecido. Segundo, quando a mente de um organismo evoca certos objetos e situações e os representa como imagens, no processo de pensamento – por exemplo, ao lembrar-se do rosto de um amigo e do fato de que ele morreu recentemente (Damásio, 2000, p. 73-74).

Entre as reações mais comuns e observáveis na natureza do medo, Damásio destaca quatro comportamentos possíveis desencadeados por esta emoção: fuga, agressão, paralisia e isolamento. O medo é a saída da zona de conforto, é uma emoção que serve de alerta ao organismo que a sente sobre um perigo iminente, algo a ser evitado. É esta mesma função de alerta um recurso bastante recorrente na retórica midiática, principalmente quando retrata assuntos que remetem às mesmas ameaças de violência.

Muitos estudos do fenômeno midiático atribuem à forma de construção das mensagens grande responsabilidade pelo grau emotivo que provoca nos receptores. Marshal McLuhan preconizou ainda nos anos 60 que “o meio é a mensagem”, atribuindo ao poder retórico dos meios emissores grande responsabilidade pelos efeitos emocionais e comportamentais desencadeados na grande massa, independente do conteúdo da mensagem. Sob este prisma, assumimos que a retórica dimensiona fatos. Ou seja, ela não constrói, materialmente, “mas cria um clima para a interpretação dos fatos” (Costa, 2013), direcionando as ofertas de sentido em busca

de uma posição de sistema regulatório, em relação à significação (Ferreira, 2016).

Para os linguistas, falar em retórica significa falar em efeitos de persuasão, em criar condições de emocionalidade para o entendimento do contexto da mensagem. Assumimos neste artigo, portanto, que a retórica é o estudo das emoções na linguagem, ou seja, trata-se da compreensão do que é dito somado ao que está implícito nos atos de fala.

A retórica linguística, subárea da pragmática, apresenta mais de 300 operadores retóricos, figuras de linguagem que desempenham o papel de atribuir emoção ao discurso. "Se o argumento é o prego, a figura é o modo de pregá-lo" (Reboul, 1998, p. 113), ou seja, são as figuras que vão dar forma à transmissão do conteúdo. Reboul classifica as figuras conforme suas relações com o discurso em que se encaixam, sendo elas as figuras de palavras, como o trocadilho e a rima que dizem respeito à parte sonora do discurso; as figuras de sentido, como a metáfora, que dizem respeito à significação das palavras; as figuras de construção, como a elipse ou a antítese, que dizem respeito à estrutura da frase; e as figuras de pensamento, como a alegoria e a ironia, que dizem respeito à relação do discurso com seu sujeito (o orador) ou com seu objeto (Reboul, 2000, p. 114-115).

Estes operadores retóricos sugerem inferências sobre o conteúdo, de forma a convencer ou persuadir pela emocionalidade, independente da precisão do discurso. Se considerarmos que a razão opera na parte consciente da mente, e as emoções operam na parte inconsciente, podemos dizer que a retórica fala mais ao inconsciente. A retórica da persuasão coloca o indivíduo em um determinado estado emocional de forma a induzi-lo a tomar decisões e formular pensamentos a partir deste estado, e não do significado semântico do que é dito.

Portanto, antes de nos perguntarmos sobre as intenções de se elaborar construtos simbólicos que visam provocar alertas e disparar as sensações de medo dos receptores, é necessário averiguarmos quais os operadores retóricos que são utilizados neste processo que origina significados complexos, descritos por Campos como resultados do cruzamen-

to de interfaces da razão e da emoção, que dependem de contexto e que aceitem uma interface com as emoções nos diálogos, que afinal, "são invocados como insubstituíveis peças de decisão compartilhada" (Costa, 2013).

Aqui, assumiremos a retórica como o princípio mais forte do processo comunicativo, uma vez que pretende conectar o ambiente emocional entre as lógicas de produção e de recepção (Véron, 2001), buscando, através de regulação, persuadir ao acionar determinados estados emocionais nos indivíduos.

> Como a Retórica mais típica é aquela em que se identifica o processo de convencimento de B, indivíduo ou audiência, pela força de expressão de A, indivíduo, por exemplo, o diálogo seria, também aqui, o padrão de estudos retóricos. A formulação argumentativa poderia, então, ser assim sistematizada: dada uma perspectiva de Pragmática como teoria do significado dependente de contexto, como teoria do enunciado, onde, a partir do dito mais propriedades contextuais, são derivadas inferências, se a Retórica é a disciplina que investiga um de tais contextos, aquele que examina o impacto da forma do dito sobre o conteúdo, então ela é justamente uma subteoria da Pragmática. E, se o entendimento de uma porção discursiva, como um diálogo, por exemplo, depende dos efeitos retóricos cujas inferências caracterizam o significado complexo, então a Retórica é a subparte que examina tal complexidade (Campos, 2013, p. 12).

Percebendo a significação como um processo complexo, Costa (2015) recorre ao conceito aristotélico de uma estrutura tripartite entre *Logos*, *Ethos* e *Pathos*, sendo *Logos* a proposição base; *Ethos* as intenções do falante que identificam seu caráter; e *Pathos* o contexto emocional, favorável à persuasão. A retórica, assim, representa o script emocional disparado através de estratégias conscientes e inconscientes, presentes no dito e no inferido de um diálogo. Conforme já apontado anteriormente, o medo é a emoção central desta

análise e, por isso, é essencial que busquemos avaliar, no diálogo midiático, os atos de fala e operadores retóricos que acionam tal campo emocional.

Segundo estudos neurocientíficos, nos animais a ativação das emoções depende da intensidade e da distância do estímulo aversivo em situações ameaçadoras. No entanto, a mesma neurociência já identificou que, para o inconsciente humano, especificamente, é difícil diferenciar o vivido do imaginado, sendo este sensível a construtos simbólicos e imagéticos que acabam por acionar os mesmos dispositivos reativos ao medo que em situações vividas. Ou seja, ao narrar fatos e acontecimentos de forma a estimular a imaginação do receptor para que este construa uma vivência emocional do narrado, é possível criar plenas condições para a ativação das emoções.

Partindo dos pressupostos apresentados até aqui, seguimos para um breve olhar empírico do uso de estratégias retóricas na busca por acionamentos emocionais relativos ao medo.

3 A abordagem da Revista Veja nas manifestações de 2013

Palavras cujos campos semânticos sejam ameaçadores, violentos ou perigosos para o senso comum constituem um amplo repertório para a retórica do medo. Como exemplo, podemos usar a cobertura do site da Revista Veja sobre as manifestações lideradas pelo Movimento Passe Livre, ocorrida no dia 13 de junho de 2013 e que levou mais de 10 mil pessoas às ruas para protestar contra o aumento das passagens de ônibus em São Paulo. Aqui, a proposta é analisar a manchete, a linha de apoio e o primeiro parágrafo da matéria que busca resumir os eventos do dia anterior.

São Paulo

Com ação rigorosa, PM impediu tomada da Paulista

Polícia Militar dispersou manifestação e blindou principal avenida da cidade de novas depredações. Ao menos 149 pessoas foram detidas. O Secretário de Segurança Pública de São Paulo, Fernando Grella Vieira, fez uma defesa veemente da ação e disse que eventuais abusos cometidos serão apurados



Ao longo desta sexta-feira, São Paulo terá de fazer a contabilidade dos prejuízos causados pela quarta baderna que tomou as ruas da cidade. É provável que o saldo seja elevado, como nas três vezes anteriores. Houve, no entanto, algo de diferente nesta quinta-feira: a decisão de endurecer contra os manifestantes anunciada desde cedo pela Polícia Militar foi posta em prática e a ação foi taticamente bem-sucedida atingindo o objetivo de dispersar os manifestantes. Numa ação rigorosa que mobilizou a Tropa de Choque, a Cavalaria e teve o apoio de helicópteros, as 5.000 pessoas que inicialmente se reuniram na região do Theatro Municipal, no centro da capital, foram impedidas de mudar o trajeto previamente estabelecido para a passeata. Quando ficou claro que elas tentariam tomar a Avenida Paulista, como no ato

Figura 1: Matéria sobre manifestação na Paulista
Fonte: Site da Revista Veja [6]

Começando pelo título, "***Com ação rigorosa, PM impediu tomada da Paulista",*** percebe-se que a seleção lexical utilizada pela revista nos permite inferir, em um primeiro momento, que alguém ou algum grupo tinha a intenção de

6. Disponível em http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/pm-faz-varredura-e-impede-depredacao-da-avenida-paulista. Acesso em 10/08/2016.

"tomar de assalto" a Avenida Paulista, e que tal intenção foi impedida por ação rigorosa da Polícia Militar. Aqui, o campo semântico construído revela um contexto que pode ser interpretado como perigoso para a sociedade paulistana, onde uma ameaça não identificada demonstra intenções de tomar um bem público.

Seguindo, na linha de apoio ganha destaque o seguinte texto: ***"Polícia Militar dispersou manifestação e blindou principal avenida da cidade de novas depredações. Ao menos 149 pessoas foram detidas. O Secretário de Segurança Pública de São Paulo, Fernando Grella Vieira, fez uma defesa veemente da ação e disse que eventuais abusos cometidos serão apurados".***

O detalhamento da ação policial induz a um contexto emocional de rigor para dispersar a manifestação que tentou "tomar" a Paulista. Na sequência, o uso do verbo "blindar" denota proteção protagonizada pela PM contra possíveis depredações decorrentes da manifestação, que é "veementemente" defendida pelo representante do poder político de São Paulo. Já os possíveis abusos cometidos por agentes da PM na manifestação são abrandados pelo termo "eventuais", que implica em uma conotação de que "se os abusos ocorreram, foram eventuais ou isolados".

A construção semântica resultante desta seleção lexical infere que algo precisa de nossa atenção, que algo representa perigo, e que este algo é a depredação do patrimônio público, e não os abusos da PM. No primeiro parágrafo, o lead jornalístico é construído para reforçar estes operadores retóricos:

Abaixo de uma sequência com inúmeras imagens[7], onde uma delas encontra-se ampliada em destaque e as

7. Embora o foco aqui seja no discurso, é importante apontar que as imagens, através de outra linguagem, corroboram para o que está sendo dito, focando em ângulos que colocam os manifestantes como vândalos violentos e a PM como vítima que precisa se defender e, claro, defender a ordem e o patrimônio público. As fotos não são todas do mesmo período temporal, promovendo uma evidente virada a partir da foto de número 19, que tem como protagonista um casal envolto em bandeiras do Brasil. Tal movimento de virada também está claro nos discursos, que abordamos a seguir.

demais em miniatura, segue o primeiro parágrafo da matéria: ***Ao longo desta sexta-feira, São Paulo terá de fazer a contabilidade dos prejuízos causados pela quarta baderna que tomou as ruas da cidade. É provável que o saldo seja elevado, como nas três vezes anteriores. Houve, no entanto, algo de diferente nesta quinta-feira: a decisão de endurecer contra os manifestantes anunciada desde cedo pela Polícia Militar foi posta em prática e a ação foi taticamente bem-sucedida atingindo o objetivo de dispersar os manifestantes. Numa ação rigorosa que mobilizou a Tropa de Choque, a Cavalaria e teve o apoio de helicópteros, as 5.000 pessoas que inicialmente se reuniram na região do Theatro Municipal, no centro da capital, foram impedidas de mudar o trajeto previamente estabelecido para a passeata. Quando ficou claro que elas tentariam tomar a Avenida Paulista, como no ato da semana passada, os contingentes da PM foram acionados e repeliram seu avanço. Blindaram os acessos à avenida, palco anterior de depredações e vandalismo, fazendo uma varredura para garantir que grupos não furariam o bloqueio e causaram a dispersão da turba. Às 21h30, a situação na região foi normalizada com a liberação do trânsito.***

Ao colocar "manifestação" no mesmo campo semântico de "baderna", o texto sacramenta a intenção de alertar para os perigos da manifestação como um ato desordeiro, sem propósito que não seja a bagunça e a depredação. Ao mesmo tempo, saúda a ação policial "bem-sucedida" com a "dispersão da turba" e a "liberação do trânsito". Em síntese, há enunciados pragmáticos que estabelecem um princípio dialógico, que veiculam proposições, que podem ser aceitas como verdadeiras, que são ditas numa forma de seleção lexical, com ênfases próprias para criarem o ambiente emocional adequado ao contexto de alertar a população sobre o perigo eminente de baderneiros com o intuito de vandalizar e depredar a cidade.

Historicamente, a revista Veja tem sido enquadrada como um veículo tendencioso, cujo *ethos* estaria comprometido com ideologias liberais e, ao mesmo tempo, alheio aos interesses dos movimentos sociais. Em sua cobertura sobre

a manifestação do Movimento Passe Livre, construiu um discurso que reforça esta imagem, usando a retórica do medo para apontar ameaças à ordem social e ao patrimônio público, buscando, assim, justificar seu posicionamento.

Nas redes sociais, críticas à cobertura da Veja e de outros veículos de comunicação apareceram quando iniciaram os compartilhamentos de vídeos e depoimentos de manifestantes nas redes digitais, onde se evidenciava um comportamento abusivo da PM paulista contra uma manifestação, a priori, pacífica e ordenada. A própria revista Veja mudou seu discurso dias depois, se mostrando favorável às mudanças proporcionadas pelas manifestações que ganharam proporções nacionais depois do episódio em São Paulo. Na capa do dia 26 de junho (Figura 2), a mudança retórica fica evidente com a presença da imagem de uma manifestante enrolada na bandeira do Brasil com a manchete "***Os sete dias que mudaram o Brasil***". No topo da capa, a sentença "Edição Histórica" também promove uma ressignificação das manifestações como algo mais positivo.



Figura 2: Capa Veja de 26 de junho de 2013.
Fonte: Revista Veja Ed. 2327[8].

8. Disponível em https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2327?page=1&section=1&word=junho%20de%202013. Acesso em 20/08/2016.

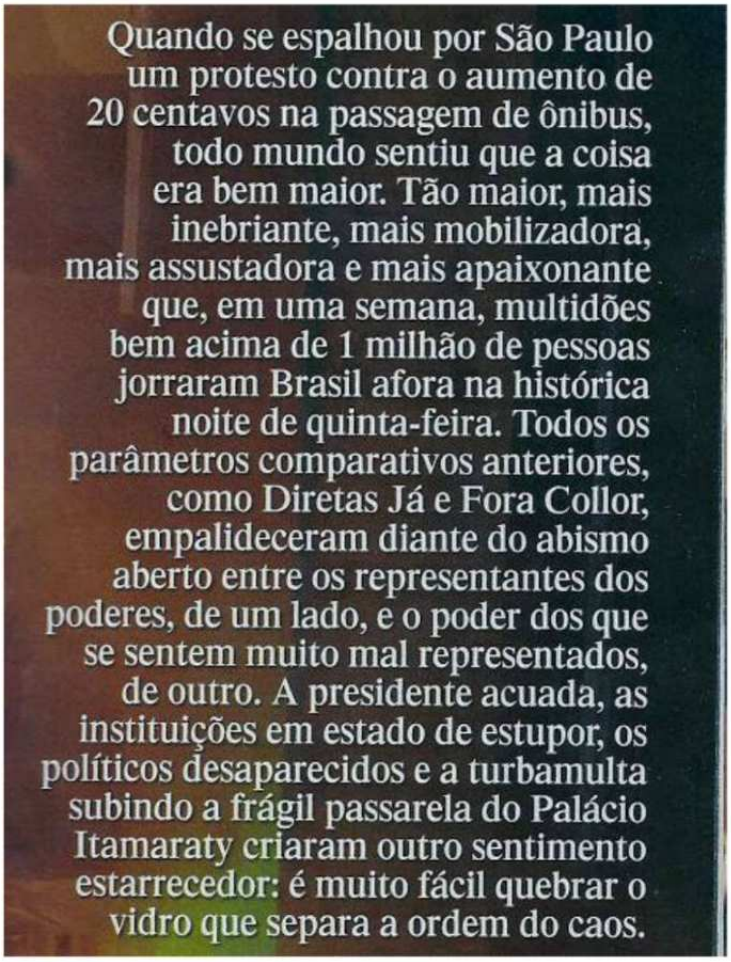


Figura 3: Lead da matéria central da revista Veja de 26 de junho de 2013.
Fonte: Revista Veja Ed. 23279

Na linha de apoio (Figura 3) da matéria central, na mesma edição, a mudança de discurso fica evidente na ressignificação do campo semântico em que a manifestação é realocada pela retórica proposta. A reescrita do lead atribui uma consciência de "todo mundo" sobre a importância dos protestos, que agora a revista qualifica como "inebriante", mais "mobilizador", "assustador" e "apaixonante", um retrato bem distante dos adjetivos "baderneiro" e "vândalo" que caracterizou o discurso da revista em seu site sete dias antes.

No entanto, apesar da mudança de discurso, a estratégia retórica da revista segue a mesma lógica, a de projetar alguém como ameaça, acionando os mecanismos do medo. Agora não mais como baderneiros, mas assumindo o papel de representantes da mudança que o Brasil precisa, os mani-

9. Disponível em https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/2327?page=1&section=1&word=junho%20de%202013. Acesso em 20/08/2016.

festantes "acuaram" a presidente de esquerda Dilma Houssef, dispostos a mudar o país, cuja fronteira entre a ordem e o caos está por um fio, ou "por um vidro".

Da mesma forma que Campos (2007) elencou operadores retóricos que constituem a emocionalidade dos atos de fala, Richard Bandler e John Grinder (2002) evidenciaram os operadores destas significações complexas ao conceituarem as bases do que chamam de metamodelos de linguagem. Tais autores estavam atentos aos efeitos de distorções, generalizações e omissões que as emoções podem provocar nos atos de fala em relação aos fatos. Para tanto, desenvolveram uma metodologia que consiste em doze estratagemas de averiguação e detecção que permitem evidenciar as defasagens presentes nos fluxos comunicacionais.

Sem a necessidade de detalhar todos estes estratagemas, dois deles merecem especial atenção para um processo de identificação dos operadores retóricos presentes no discurso da revista Veja. O primeiro deles chama-se justamente de "equivalência complexa", que ocorre quando o indivíduo aceita como verdade duas construções semânticas de diferentes significados como sinônimos. Podemos usar como exemplo de equivalência complexa as inferências resultantes da retórica usada na reportagem sobre as manifestações do Movimento Passe Livre no dia 13 de junho. No primeiro texto (Figura 1), a inferência mais óbvia após a leitura do primeiro parágrafo é a de que, "caso os manifestantes atingissem a paulista, iriam depredá-la". Pelos metamodelos de Bandler e Grinder, o desafio, neste caso, seria responder "como especificamente que x significa y" na construção frasal. Ou seja, "como que o fato de os manifestantes chegarem à Avenida Paulista significa necessariamente que iriam depredá-la"?

O outro metamodelo que poderia ser empregado na desconstrução retórica do discurso da revista Veja diz respeito às generalizações. Quando o veículo muda o tom em apoio aos manifestantes, em sua versão impressa do dia 20 de junho (Figura 3), afirma que "todo mundo sentiu que a coisa era bem maior". Neste caso, o desafio dos metamodelos é questionar a hipérbole "todo mundo quem?", sendo que a própria revista evidenciou não sentir isto em sua primeira co-

bertura, fato que deixa evidente mais um operador retórico: o paradoxo.

A metáfora, enquanto operador retórico dos discursos da Veja analisados até aqui, é também um evidente indutor emocional do medo. "***Blindaram os acessos à avenida**, palco anterior de depredações e vandalismo"* (Figura 1), "(...) *mais de 1 milhão de pessoas jorraram Brasil afora (...)*" (Figura 3), "É muito fácil quebrar o vidro que separa a ordem do caos" (Figura 3), são exemplos metafóricos de que há uma guerra sendo travada e um lado deve ser escolhido.

A contradição, no entanto, pode passar batida ante a retórica que, poderosa, se constitui em um elemento determinante nos atos de fala pelo pareamento de emoções que pode provocar entre emissor e receptor. Assim, podemos inferir que a retórica empregada pela revista Veja pretende acionar, em seus leitores, determinadas percepções dos fatos a partir de um embasamento emocional/afetivo do conteúdo. A mensagem ali proposta se completa na emoção. Uma única palavra pode estar carregada com diferentes emoções, e seu campo semântico será determinado justamente pela carga emotiva a ela atribuída.

Assim, ao retratar o mundo por uma ótica acionada pelo medo, a revista Veja e outros veículos que recorrem a esta retórica correm o risco de gerar reações como paralisia, animosidade, raiva e indiferença. Tais discursos preparam os ânimos para o pior, possibilitando reações imediatas que estão no campo das emoções, ou seja, que são anteriores aos processos de racionalização. Incentivar o medo parece significar uma ausência de reflexão sobre a reação que este incentivo provoca, e é justamente aí que podemos observar materialidades que corroboram para a ideia de que "a grande mídia manipula a massa".

4 Apontamentos finais

Partindo da proposição inicial de observar a existência de padrões emocionais incentivados por discursos midiáticos, buscou-se perceber como o medo é estimulado através do foco na violência. A hipótese inicial de que operadores retóri-

cos são empregados com intuito de induzir os atores sociais a determinadas emoções parece se fazer bastante pertinente quando analisamos os materiais da Revista Veja sobre as Manifestações de 2013.

Tendo em mente que as emoções são acionadas diante de experiências reais e situações imaginadas, lembradas ou retratadas (Damásio, 2000), podemos inferir que induzir emoções através de construtos simbólicos significa, em certo nível, regular processos que impactam na mente (o que pensar), no corpo (como agir) e na linguagem (o que comunicar) dos indivíduos. Tal pensamento converge com estudos sociológicos que colocam as emoções como "disposições corporais dinâmicas que especificam os domínios de ações nos quais os animais, em geral, e nós, seres humanos, em particular, operamos num instante" (Maturana, 2006, p. 129). Ou seja, "quando estamos sob determinada emoção, há coisas que podemos fazer e coisas que não podemos fazer, e que aceitamos como válidos certos argumentos que não aceitaríamos sob outra emoção" (Maturana, 2009, p.15).

Ao construir uma retórica apoiada em factoides que privilegiam os supostos perigos e violência da sociedade, a mídia reforça uma dualidade científico-cartesiana entre o medo e o conforto, possibilitando a formação de crenças sobre o que é certo e errado no modo de pensar e de agir dos indivíduos. Ao invés de promover um pensamento crítico e libertador, possibilitando a reflexão sobre as emoções em direção à processos mais racionais, a mídia aparece ainda focada em um papel regulatório (Ferreira, 2016). Tal papel está fundamentado em uma visão funcionalista de vigilância do sistema (Wolf, 2005), onde a mídia busca construir significações complexas que resultam em condições de verdade para assegurar a manutenção de suas relações com as "massas".

Maturana (1998) afirma convictamente que o amor "é o fundamento do social, pois é a emoção de aceitação do outro na convivência". Podemos assumir, então, que a violência incentivada pela retórica, seja ela física, psíquica ou moral, seria uma afronta a esta emoção de aceitação. Noticiar exaustivamente que nosso fundamento social está sob constante ameaça traz consequências, como o acionamento de

estados de alerta, discursos raivosos e paralisia frente aos fatos retratados. Como resultado em ações de animosidade e isolamento em relação ao próximo, criando uma espiral de contradições emocionais sobre o que sentimos e o que queremos.

Esta busca velada, quase subversiva, pelo pareamento de emoções a partir do medo, nos remete às manipulações inconscientes que o psicólogo Jean Larède demonstrou possíveis em sua obra *Além da Razão - o fenômeno da sugestão* (1984), onde diz que a sincronia de emoções é a condição primeira para amenizar o senso crítico do indivíduo a ser hipnotizado. Abre-se assim um vasto campo a ser explorado sobre as intenções, sejam elas conscientes ou inconscientes, dos agentes dos meios de comunicação sobre os construtos simbólicos que nos remetem às reações instintivas do medo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES JUNIOR, F. S. *A retórica do medo: uma análise neurolinguística da mídia.* 2016. 309 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS, 2016. Disponível em <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7000>. Acessado em 20/10/2016.

BANDLER, R.; GRINDER, J. *Sapos em príncipes: programação neurolinguística*. São Paulo: Summus, 1982.

_____. *A estrutura da magia.* São Paulo: Summus, 2004

_____. *Atravessando. Passagens em Psicoterapia.* São Paulo: Summus, 2004.

BATESON, G. *Natureza e espírito: uma unidade necessária.* Lisboa: Dom Quixote, 1987.

COSTA, J. C. *Filosofia da Lingüística, Filosofia da Ciência e Metateoria das Interfaces.* Porto Alegre: 2007. Disponível em <http://www.jcamposc.com.br/textos_disciplinas/filosofia_da_linguistica-filosofia_da_ciencia_e_metateoria_das_interfaces.pdf>. Acessado em junho de 2015.

_____. FELTES, H.P.M. Filosofia da Linguística, filosofia da ciência e os pressupostos para a construção de uma Metateoria das Interfaces. *In:* J. C. ARAÚJO *et al*. *Seminários Linguísticos*: discurso, análise linguística, ensino e pesquisa. Mossoró: Edições UERN, 2010. p. 341-355.

_____. *Pragmática, retórica e interfaces.* Porto Alegre: PUCRS, 2013.

CHOMSKY, N. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente.* São Paulo: Editora Unesp, 2005.

DAMÁSIO, A. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si.* São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FERREIRA, J. Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos. *Líbero*, ano IX, n. 1, p. 1-15, jun. 2006. Disponível em: http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Uma-abordagem-tri%C3%A1dica-dos-dispositivos-midi%C3%A1ticos.pdf. Acesso em 03.10/2016

_____. Adaptação, disrupção e regulação em dispositivos midiáticos. *Matrizes,* **v.10**, n.2, p. 135-153, maio/ago. 2016. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/120016/117268. Acesso em 03.10.2016

KRZNARIC, R. *O poder da empatia.* Rio de Janeiro: Zahar, 2015

LARÈDE, J. *Além da razão. O fenômeno da sugestão.* São Paulo: Ibrasa, 1984.

MATLIN, M. W. *Psicologia Cognitiva.* Rio de Janeiro: LTC. 2004.

MATURANA, H. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

_____. *Emoções e linguagem na educação e na política.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

REBOUL, O. *Introdução à retórica.* São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VERÓN, E. Los públicos entre producción y repecpción: problemas para uma teoria de reconocimiento. *Curso da Arrábida: Público*, Televisão, 2001.

WOLF, M. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.